

Canções do Meio-Dia

Renzo Novatore

15 de Agosto de 1922

Canções do Meio-Dia Por Renzo Novatore

I

Na verdade, ainda há um futuro para o mal também.

E o meio-dia mais quente ainda não foi descoberto para o homem.

— F. Nietzsche, Assim falava Zaratustra

Estou sozinho, estou sozinho! Sozinho e distante... Mas o que tudo isso importa?

Sim, o que isso importa para mim?

O vasto e ilimitado deserto se estende ao meu redor, e aqui – em meio aos raios dourados do sol – abetos e pinheiros cantam suas estranhas canções compostas a partir de sinfonias de silêncio e música de mistério... Eu também estou cantando.

Estou cantando a canção de minhas verdades sangrentas para todas as mentes manchadas de sangue. Estou cantando a música do meu maior e mais desesperado meio-dia: estou cantando o poema dos dias de cão do meu verão mais quente...

Mas canto apenas para meus camaradas solitários e desconhecidos; Eu canto apenas para meus filhos distantes...

Pois meu coração não é mais um jardim primaveril pontilhado de rosas frágeis e perfumadas; pois meu coração não é mais uma caixa de joias vermelha cheia de sonhos virgens.

Qualquer pessoa que tenha cantado o poema da manhã deve cantar o poema do meio-dia. E eu estou cantando! Estou cantando as canções dos dias de cão do meu verão quente.

II

Uma vez sonhei...

Foi a primeira primavera alegre da minha juventude! Foram bons tempos...

Um ideal misterioso bateu suas asas invisíveis sobre as ondas etéreas; lágrimas carnudas foram iluminadas pelo riso espiritual; dentro de mim, a tristeza humana se transformou em um sonho harmônico de beleza futura...

Sonhei grandes sonhos de justiça e liberdade... de fraternidade e amor...

E eu vivi para esse sonho; Eu lutei por esse sonho...

Minha mente estava completamente coberta de rosas frágeis e perfumadas, e meu coração era uma caixa de joias vermelhas cheia de sonhos virgens...

Meus olhos brilhavam com uma luz vermelha e dourada, e minha fé era um dramático e emocional "Sim" que acreditava e esperava...

Sim! Então eu acreditei...

Eu acreditava na fraternidade; na redenção humana; Amando...

"A auto-elevação dos homens..." "Elevação das massas..." "Ascensão do povo..." "Sublimação da humanidade..." Ah! Aquele grande poema dos sonhos, minha juventude!

III

Ao longo do caminho de todos aqueles que nasceram para grandes e generosos trabalhos – para as "virtudes" prometeicas do pensamento – há um demônio libertador escondido, esperando em uma emboscada.

Eu também tinha meu demônio escondido, e um dia ele estava deitado à minha espera, sorrindo e com certeza...

Ele me disse, eu sou a águia nas alturas e o mergulhador nas profundezas...

Eu venho da eternidade passada e sigo para a eternidade futura.

Eu sou o eterno Mal, porque eu sou a Tristeza. Eu sou o trágico Não! que se perpetua. O espírito de negação e demolição; a revolta libertadora e criadora...

Eu sou as raízes do homem, o eu da vida. Eu sou o espírito de negação de suas profundezas mais subterrâneas. E quando eu saio da minha caverna assustadora para cavalgar os centauros do vento e fazer minhas verdades uivarem sobre as costas do mundo, os fantasmas morrem e os homens empalidecem.

IV

O demônio me disse isso sobre minhas profundezas mais subterrâneas. Este que é capaz de dizer verdades terríveis que derramam sangue...

Uma vez que Deus era o tirano.

Depois vieram a família e a sociedade, as pessoas e a humanidade!

Mas falei com alguém que vem da eternidade passada e está caminhando para a eternidade futura...
E eu reconheço esses fantasmas malignos...

Ah, e eu os vi beber tantos rios de sangue, suor e lágrimas ao longo da estrada dos séculos...

Eu os vi devorar tantas montanhas de cadáveres...

Tantos...

E cada pessoa morta que caía sussurrava "Amanhã!" "Amanhã?" "Deus e amanhã" "Humanidade e amanhã" "As pessoas e amanhã." Mas hoje?

Então, onde está meu herói?

– Onde estão meus irmãos solitários e desconhecidos, onde estão meus filhos distantes, aqueles – gênios ou maníacos – que sabem viver e morrer sozinhos e liberados, gritando – consciente e conscientemente: "Eu" "Hoje" "Minha liberdade" "Minha realização"?

V

Estou sozinho, estou sozinho! Sozinho e distante...

Uma febre alta martela minha testa e uma nova sede me queima; queima minha boca...

Os poços plebeus estão agora muito longe para mim, e as fontes virgens ainda são mistérios desconhecidos para mim... Eu ainda sou um Arco. Quando serei um pico?

...

À luz do crepúsculo, ouço o canto de um pássaro; Eu o vejo voar através da clareza melancólica de uma Oração Vespertina agônica e se dissipar abaixo no azul aveludado de sombras distantes.

De uma certa associação de ideias, também pareço ver os sonhos alados da minha juventude se dissipando lá embaixo, ao longe, entre as sombras tristes e miseráveis do esquecimento...

VI

Não foi nada. Uma sombra nostálgica da memória apenas passou pela luz vívida da manhã do meu dia quente de verão.

Agora está tudo passado. A febre martelava minha testa, a sede queimava minha boca. Inclinei-me sobre a causa da minha "necessidade" e da minha "sede", saciando-as nas fontes do meu sangue quente e na chuva do meu suor amargo. Esse autoconsumo pungente me deixou intoxicado com um delírio louco que exalta e transforma.

Agora o milagre da minha tragédia do meio-dia está consumado.

Caí como um arco, eu me levanto como um pico no mistério do vento e na glória do sol para falar as palavras heróicas de minha exaltada transformação e minha loucura.

VII

Falei com a sombra da minha "primeira" solidão. Ela me disse: Você sonhou fraternidade com os olhos fechados na névoa da fé, mas quando os abriu ao sol da realidade, viu o drama trágico de Caim e Abel.

Falei com a sombra da minha "segunda" solidão, e ela me disse: Você pediu amizade pura com tanta sinceridade, mas quando você ansiosamente esticou seus ouvidos para ouvir a resposta ao seu chamado, você ouviu um tilintar agudo e metálico responder. Era o som vil das trinta moedas de prata de Judas, ainda soando sobre o mundo.

Falei com a sombra da minha "terceira" solidão, e ela me disse: Você pediu desesperadamente uma verdadeira solidariedade entre todos os seres humanos e, ao seu grito desesperado, uma risada sarcástica e sinistra, feita de calúnia e desprezo, respondeu.

Falei com a sombra da minha "quarta" solidão, e ela me disse: Você dirigiu tantas canções e poemas ao amor entre homem e mulher, mas esse amor se tornou uma guerra secreta entre os sexos.

Falei com a sombra da minha "quinta" solidão, e ela me disse: Você acreditou que o eu poderia me tornar o nós, porque o homem precisa da sociedade.

Mas você não vê que essa necessidade é precisamente o que torna o homem um escravo e infeliz? Você achou que havia um caminho? Mas não tinha jeito... A vida é um círculo fechado (pavimentado com o peso morto de muitos e bloqueado pela maioria eternamente brutal) dentro do qual o homem está condenado a uma guerra perpétua de conquista vital e posse individual. O homem vivo nunca teve, não tem e não terá nada além do que sua força individual e sua própria capacidade de poder o autorizam a ter. E como – como você, meu leitor malicioso – abaixei a cabeça com essa afirmação, minha quinta solidão começou a falar novamente, continuando assim: – Ai de quem que, por piedade

ou compaixão por seu velho eu, teme a luz do novo eu que está chegando. Você treme de consternação e medo. Você está inseguro e indeciso como algo tremendo à beira de um abismo... Você poderia ser um niilista cristão? A trágica fatalidade que pesa sobre a realidade da vida o assusta? Você poderia ser um dos meus inimigos? Bem, se assim for, coloque sua causa - como bons cristãos - além da vida; mas eu ensino a colocar a vida além do bem e do mal. Lá, onde o eu liberado pulsa e arde. Lá, onde o espírito negador se levanta contra a ideia de sociedade e a condena; lá onde os verdadeiros solitários cantam liberdade na guerra!

E quando a sombra da quinta solidão desapareceu, a "sexta" veio e começou a falar comigo assim: Eu sou a sombra do seu eu; Mate-me se quiser ficar sozinho sem testemunhas. A sétima solidão está esperando por você. Ela lhe contará o segredo extremo. Ela vai desvendar o enigma do mistério final para você.

...

A "sétima" solidão falou comigo. Mas o que ela me disse continua sendo um dos meus segredos. Quem me dá as palavras para contar os mistérios das minhas realidades mais profundas e íntimas?

Quem me entenderia?

Oh meus irmãos solitários e desconhecidos, vocês não ouvem, em suas profundezas mais sombrias, o rugido de um "Não" sem argumentos? Bem, este é o meu "Não", meus irmãos.

VIII

Uma longa série de visões macabras passa diante dos meus olhos.

Eles são os fantasmas malignos e monstruosos da minha antiga fé.

Eles têm bocas manchadas de sangue e agarram os mortos com seus dentes ensanguentados.

Os mortos que caíram sussurrando "amanhã! ..."

O primeiro morto disse: Eu queimei e roubei em nome de Deus, e morri por sua glória, matando.

O segundo dizia: queimei e roubei em nome de minha pátria, e morri por sua grandeza, matando.

O terceiro dizia: Eu queimei e roubei para o bem do povo, e morri por sua liberdade, matando.

O quarto dizia: Eu queimei e roubei pelo bem da humanidade, e morri por amor a ela, matando.

O quinto disse: Minha mente estava cheia de um grande ideal sublime. Sonhei que todos os seres humanos eram livres, grandes e felizes. Eu queria liberdade e igualdade, amor e fraternidade para tomar posse da vida e domínio do mundo. E para realizar esse sonho - que o mundo não queria entender - eu roubei, queimei e morri, matando.

E por trás dos cadáveres desses cinco escravos assassinos, cinco partes do mundo estão divididas, prontas para cortar a garganta umas das outras enquanto viajam pela mesma estrada.

...

Deus, pátria, sociedade, povo, humanidade? Futuro ideal?

Mas eu sou uma realidade, e vivo hoje!

A guerra é a realidade da vida? Realmente! Mas eu não sou um animal sacrificial. Não quero que meu espírito seja escravo; Não quero que meu corpo seja sacrificado em nenhum altar; Eu não quero que nenhum monstro esmague meus ossos. Você ainda grita seus anátemas, sejam sacerdotes do povo, servos da pátria ou apóstolos da humanidade.

Você ainda clama por crucificação contra mim. Você clama contra o egoísta selvagem, mas eu não me comovi. Eu canto minhas canções iconoclastas de negação e revolta. Eu canto minha canção do meio-dia.

- A canção do dia de cão do meu verão quente!

IX

Para mim, a Anarquia é um meio para alcançar a realização do indivíduo, e não o contrário. Caso contrário, a Anarquia também seria um fantasma.

Se os fracos sonham com a Anarquia como um objetivo social, os fortes praticam a Anarquia como um meio para a realização individual.

O fraco criou a sociedade, e a sociedade dá à luz o espírito da lei. Mas quem pratica a Anarquia é inimigo da lei e vive contra a sociedade. E esta guerra é inevitável e eterna. É inevitável e eterna, porque quando o czar cai, Lênin se levanta; Quando a guarda real é abolida, a guarda vermelha vem... O anarquismo foi, é e sempre será a herança ética e espiritual de uma pequena horda aristocrática, e

não de massas ou povos. O anarquismo é o tesouro exclusivo e propriedade dos poucos que ouvem o grito de um "Não" sem argumentos ecoando em suas profundezas mais subterrâneas!

X

Eu pertencço à raça mais extrema de intelectuais, à raça "amaldiçoada" de inquietos que não podem ser assimilados. Eu não amo nada que é conhecido, e até mesmo amigos são os desconhecidos.

Eu sou um verdadeiro ateu da solidão, um solitário sem testemunhas!

E eu estou cantando! Estou cantando minhas canções tecidas de sombra e mistério...

Estou cantando para meus irmãos desconhecidos e para meus filhos distantes...

Libertei-me da escravidão do amor para me sentir livre em meu ódio e desprezo...

Porque eu não me sinto com a mente da multidão. Eu não sofro a dor das pessoas. Não acredito em uma possível harmonia social.

Sinto com minha própria mente, sofro minhas próprias dores terríveis, acredito apenas em mim mesmo, em minha própria tristeza profunda. Essa tristeza que ninguém entende e que eu amo, que amo através do ódio e do desprezo pela mentira humana. Porque eu amo essa minha tristeza. Eu amo isso como amo tudo o que é meu. Como meus amantes ideais, como meus irmãos desconhecidos, como meus filhos distantes.

XI

Então, onde estão aqueles – os gênios ou maníacos – que sabem viver e morrer, sozinhos e liberados, gritando – consciente e conscientemente: "Eu" "Hoje" "Minha liberdade" "Minha realização"?

Oh, meus irmãos, onde vocês estão?

Oh, raça "amaldiçoada", quando sua profunda "humanidade" será compreendida? Mas então, tudo isso precisa ser entendido?

A beleza mais pura ainda não vive ignorada?

XII

Quão terrível é minha tragédia, quão estranho e profundo é meu mistério.

Eu ainda sonho!

Sonho com amigos nunca conhecidos, amantes nunca possuídos, ideias nunca criadas, pensamentos nunca pensados, homens nunca experimentados, flores nunca cheiradas, florestas nunca caminhadas, oásis nunca descobertos, sóis nunca vistos... Eu sonho!

Eu sonho uma grande, tremenda revolta de todos aqueles que empalideceram na longa espera. Sonho com o despertar satânico daqueles que vivem acorrentados... Deve ser lindo acender piras à noite... Ver os centauros da morte correndo por todas as terras cavalgadas e estimuladas por heróis trágicos que empalideceram na longa espera. Ver o espírito de revolta e negação dançando supremo sobre o mundo...

Infelizmente! Ainda sou o eterno sonhador que sempre fui...

E, no entanto, a voz da realidade me diz: O czar morto, Lênin se levanta... A guarda real abolida, a guarda vermelha vem...

Sim, eu sou um sonhador do impossível, mas eu pratico a Anarquia, eu não sonho com isso. Condenei a humanidade de hoje e estendo o arco da minha vontade para me realizar contra ela – não dentro dela. Por enquanto, sacio minha sede apenas na fonte de minha beleza interior.

Oh, meus irmãos desconhecidos e solitários, o que haverá para nossos filhos distantes?

E, no entanto, deve haver futuro para o mal também, porque o meio-dia mais quente ainda não foi descoberto para o homem.

Se hoje nosso "destino" nos condena a viver contra o mundo, por que seu "destino" amanhã não poderia escolhê-los para dançar livremente sobre a terra? "Amanhã!" Mas hoje?

Tudo o que nos resta hoje é uivar o trágico Não de nossa negação e revolta.

Através da realização de nossa individualidade; através da conquista de nossa liberdade; através da posse plena e total de nossas vidas! Porque nós – os vagabundos – somos os indivíduos da revolta e da negação que não podem ser assimilados!

Il Proletario vol. 1, #3 Pontremoli 15 de agosto 1922

Biblioteca Anarquista



Renzo Novatore
Canções do Meio-Dia
15 de Agosto de 1922

<https://atodomarginal.noblogs.org/post/2025/07/06/cancoes-do-meio-dia-renzo-novatore/>

bibliotecaanarquista.org